

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.020



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA NA PESQUISA ACADÊMICA

The Importance of Biblical Archaeology in Academic Research

Me. Ariel Horovitz¹

RESUMO

O artigo aborda a importância da arqueologia bíblica para a pesquisa acadêmica, destacando seu papel na ampliação da compreensão do texto bíblico a partir do contexto histórico, social, político e cultural. Inicialmente, demonstra-se que a arqueologia não contradiz a Bíblia, mas complementa suas narrativas, como exemplificado pelo caso da Estela de Tel Dan, que confirma a historicidade da “Casa de Davi”, e pelas inscrições assírias que ajudam a compreender melhor eventos como a morte de reis israelitas. O texto enfatiza que diferentes fontes podem apresentar perspectivas distintas sobre os mesmos acontecimentos, contribuindo para uma visão mais completa da história. Além disso, o artigo evidencia a contribuição da arqueologia na reconstrução da vida cotidiana no mundo bíblico, por meio de achados como moedas, utensílios e estruturas arquitetônicas, que permitem visualizar práticas sociais e culturais. Destaca-se também o papel da arqueologia na compreensão das interações culturais entre Israel e povos vizinhos, bem como na análise de contextos religiosos, políticos e geográficos. Outro aspecto relevante é a contribuição da arqueologia para o estudo da transmissão do texto bíblico, incluindo descobertas epigráficas e manuscritas, como os Manuscritos do Mar Morto, que revelam a existência de múltiplas tradições textuais. Por fim, o artigo conclui que a arqueologia funciona como uma ponte entre texto e contexto, aprofundando a leitura bíblica sem substituir a teologia ou a fé, mas enriquecendo a pesquisa acadêmica com maior rigor e compreensão histórica.

Palavras-chave: Arqueologia bíblica. Contexto histórico. Cultura do Antigo Oriente. História de Israel.

¹ Formado em Sociologia e História do Povo Judeu, especialista em História de Israel, mestrado em Administração de Empresas (MBA, com especialização em Gestão e Comportamento Organizacional, na Universidade de Bar Ilan, Israel. Diretor da Moriah Internacional Center de Jerusalém. E-mail: ariel@moriacenter.com

ABSTRACT

This article addresses the importance of biblical archaeology for academic research, highlighting its role in broadening the understanding of the biblical text from a historical, social, political, and cultural context. Initially, it demonstrates that archaeology does not contradict the Bible, but rather complements its narratives, as exemplified by the Tel Dan Stele, which confirms the historicity of the "House of David," and by Assyrian inscriptions that help to better understand events such as the death of Israelite kings. The text emphasizes that different sources can present distinct perspectives on the same events, contributing to a more complete view of history. Furthermore, the article highlights the contribution of archaeology to the reconstruction of daily life in the biblical world, through findings such as coins, utensils, and architectural structures, which allow for the visualization of social and cultural practices. The role of archaeology in understanding cultural interactions between Israel and neighboring peoples, as well as in the analysis of religious, political, and geographical contexts, is also emphasized. Another relevant aspect is the contribution of archaeology to the study of the transmission of the biblical text, including epigraphic and manuscript discoveries, such as the Dead Sea Scrolls, which reveal the existence of multiple textual traditions. Finally, the article concludes that archaeology functions as a bridge between text and context, deepening biblical reading without replacing theology or faith, but enriching academic research with greater rigor and historical understanding.

Keywords: Biblical archaeology. Historical context. Ancient Near Eastern culture. History of Israel.

INTRODUÇÃO

O tema da nossa reflexão é: **“A importância da arqueologia bíblica na pesquisa acadêmica”**. E eu gostaria de começar com uma pergunta. Se eu perguntasse aqui para vocês como a hermenêutica contribui para o estudo da Bíblia, provavelmente muitos saberiam responder, vocês dariam respostas melhores do que eu imagino. Se eu perguntasse sobre exegese, história, geografia ou até sobre as línguas bíblicas, hebraico, aramaico e grego, certamente vocês também conseguiriam explicar a importância de cada uma dessas áreas. Mas, e se eu perguntar: como a arqueologia contribui para uma melhor compreensão do texto bíblico ou para pesquisa acadêmica nas áreas relacionadas a Bíblia? Talvez nem todos tenham a mesma clareza. E isso é interessante, porque estamos falando de um campo extremamente rico, que muitas vezes ainda é pouco explorado, especialmente em nosso contexto acadêmico.

A Bíblia é um livro complexo. Não é apenas o mais difundido da história, mas também um texto que exige múltiplas ferramentas para ser compreendido em profundidade, e é justamente aí que entra a arqueologia.

1. UM CASO PARA PENSAR

Para tornar isso mais concreto, eu quero convidar vocês a pensarem em um “crime”. A pergunta é: **quem matou Jorão e Acázias?** Se formos ao texto bíblico, em 2 Reis capítulo 9, a resposta parece clara: foi Jeú. Ele aparece como o executor da morte desses dois reis. Até aqui, tudo certo, mas então entra a arqueologia. Em 1993, foi encontrada uma inscrição

conhecida como **Estela de Tel Dan**. E essa pedra mudou tudo. Tem um antes e um depois, porque essa pedra conta uma história diferente ao que está escrito na Bíblia. É um texto que originalmente está em idioma aramaico. Foi identificado pelos arqueólogos quando foi encontrado no ano 1993 como do século IX antes de Cristo. Foi o primeiro achado extrabíblico em mencionar a figura de Davi. Na verdade, não menciona Davi como rei, mas menciona o conceito casa de Davi. Este é um conceito em hebraico (Beth David) que a Bíblia utiliza referindo-se a uma dinastia que foi iniciada por Davi. Ou seja, se eu não tivesse a Bíblia, se a Bíblia não existisse e eu tivesse essa pedra, eu chegaria à conclusão que tinha um tal Davi que iniciou uma dinastia.

Mas a Bíblia existe e quando abro a Bíblia, todos os reis de Judá são descendentes de Davi. Essa expressão chamada casa de Davi é, como se diria em inglês. Bingo! Temos aqui uma prova extrabíblica que quem escreveu isso não conhecia a Bíblia de fato. Nessa época, a Bíblia também não existia como conhecemos hoje, nem o texto. Hoje em dia tem consenso: o rei Davi é uma figura histórica. É interessante notar que, até 1993, quando essa peça foi descoberta, muitos ainda questionavam se Davi havia realmente existido como figura histórica. A partir dessa evidência arqueológica, isso passa a ser confirmado também no campo acadêmico. Claro, para quem lê a Bíblia e tem fé, essa confirmação não é essencial, mas, do ponto de vista histórico, ela é extremamente significativa.

Mas o que temos nessa inscrição? Um rei arameu, provavelmente Hazael, que reivindica a morte de Jorão e Acazias, dando a entender que o próprio Hazael foi quem matou os reis. E aí surge a tensão: Afinal, quem está certo? A Bíblia ou a arqueologia? Na verdade, essa pergunta nos leva a uma compreensão mais profunda. Vou dar um exemplo contemporâneo: Se eu perguntar quem matou Osama Bin Laden, muitos diriam: “foi o presidente dos Estados Unidos Barack Obama”. Mas sabemos que, na prática, foram soldados que executaram a operação. Ou seja, há uma diferença entre quem ordena e quem executa.

Aplicando isso ao texto bíblico, podemos compreender que:

- Jeú foi o executor direto;
- O rei arameu pode ter sido a autoridade por trás da ação.

Portanto, não há contradição, há complementação de perspectivas. E aqui já vemos um ponto fundamental: a arqueologia não enfraquece o texto bíblico. Ela amplia a nossa compreensão.

Não é só isso, a arqueologia também nos ajuda a entender outras questões muito importantes. Por exemplo, temos uma inscrição assíria do século IX a.C., conhecida como o Obelisco Negro de Salmanasar III. Nela aparece uma cena bastante interessante: um homem ajoelhado diante do rei assírio. E esse homem tem nome, ele é identificado na própria inscrição como Jeú.

O texto o chama de “Jeú, da casa de Onri”. Agora, sabemos pela Bíblia que Jeú não era descendente de Onri. Mas, para os assírios, todos os reis de Israel eram associados à dinastia de Onri, que havia sido muito marcante. Era uma forma de identificação política.

Mas o que Jeú está fazendo ali, ajoelhado? Ele está em uma posição de submissão, entregando tributo ao rei assírio Salmanasar III. Ou seja, ele está reconhecendo a autoridade

desse império e, provavelmente, buscando apoio político ou proteção. Isso nos revela algo que o texto bíblico não deixa explícito: Jeú não era apenas um líder interno de Israel, ele também estava inserido em um cenário internacional complexo, envolvendo pressões e alianças com grandes impérios da época.

Percebam como isso enriquece a nossa leitura? A arqueologia nos mostra detalhes que o texto bíblico não enfatiza, mas que são fundamentais para compreendermos o contexto histórico. Poderíamos explorar isso por horas e não é exagero. Há uma riqueza enorme de informações que a arqueologia oferece e que aprofundam significativamente o estudo bíblico.

Agora, retomando a nossa pergunta inicial: quem matou Jorão e Acazias? A resposta mais equilibrada é: Jeú foi o executor direto, mas, possivelmente, sob influência ou ordem do rei arameu Hazael. Isso nos leva ao ponto central: a contribuição da arqueologia. A arqueologia bíblica nos ajuda a compreender o contexto histórico e político dos textos. É verdade que a Bíblia também apresenta esse contexto, mas ela o faz a partir de uma perspectiva específica: a de Israel.

A arqueologia amplia esse horizonte. Ela nos permite ouvir “o outro lado da história”. Por exemplo, vemos o que os assírios diziam, o que os arameus registravam, como outros povos interpretavam os mesmos acontecimentos. É como se diferentes meios de comunicação estivessem narrando o mesmo evento. Todos falam da mesma realidade, mas a partir de perspectivas distintas e isso é extremamente importante porque não estamos diante de histórias contraditórias, mas de olhares diferentes sobre os mesmos acontecimentos. É justamente nesse diálogo entre o texto bíblico e as evidências arqueológicas que a nossa compreensão se torna mais rica e mais profunda, o que ajuda a reconstruir melhor o cenário histórico.

2. VIDA COTIDIANA

A arqueologia também nos ajuda de maneira muito concreta a compreender o contexto social e a vida cotidiana do mundo bíblico. Aqui eu falo até com certa emoção, pois quando estamos em escavações em Israel e encontramos, por exemplo, uma moeda, imaginem isso, uma moeda que circulou há cerca de dois mil anos, nos tempos de Jesus, às vezes até com inscrições ligadas a Pôncio Pilatos, isso é algo extraordinário. Porque, de repente, aquilo que antes era apenas texto, ganha materialidade.

O mesmo acontece quando encontramos vasos, jarras, utensílios do dia a dia. São objetos simples, mas que revelam como as pessoas viviam, como se organizavam, como se alimentavam. E isso é muito importante, porque muitas vezes lemos a Bíblia e ficamos apenas no campo da imaginação. Cada um constrói mentalmente aquele cenário, mas a arqueologia muda isso e nos permite não apenas imaginar, mas visualizar o mundo bíblico com mais precisão, a partir de evidências concretas inseridas em um contexto social determinado.

Além disso, a arqueologia também nos ajuda a entender as interações culturais. Há uma frase que um professor costuma dizer, de forma bem interessante: “O povo de Israel não caiu do céu, ele surgiu dentro de um contexto histórico.” Ou seja, Israel não existia isolado. Ele estava cercado por outros povos, outras culturas, outras influências. Um exemplo claro disso

é a figura de Herodes, o Grande. Herodes é um personagem complexo. Ele se via como judeu, era politicamente fiel a Roma, mas ao mesmo tempo admirava profundamente a cultura grega. Se não compreendermos esse tipo de contexto cultural, perdemos profundidade na leitura bíblica. Por exemplo:

- Como entender os conflitos com os filisteus?
- Como compreender o Templo de Salomão sem conhecer os modelos de templos da época?
- Como interpretar práticas religiosas sem conhecer as influências dos povos vizinhos?

Tudo isso mostra que a arqueologia nos ajuda a perceber que o mundo bíblico era dinâmico, diverso e culturalmente interligado. Portanto, ao estudarmos a Bíblia, é essencial estarmos atentos a essas influências culturais e sociais. A arqueologia, nesse sentido, ela nos ajuda a enxergar o cenário completo em que esse texto foi produzido e vivido.

3. INTERAÇÕES CULTURAIS, CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E POLÍTICO

A arqueologia também nos lembra de algo fundamental: Israel não vivia isolado. Havia intensa interação com outros povos. Quando encontramos representações de Baal, por exemplo, entendemos melhor o conflito narrado entre Elias e os profetas de Baal. Quando estudamos a cultura moabita, compreendemos melhor a história de Rute. Ou seja, a arqueologia nos ajuda a perceber o pano de fundo cultural dos textos bíblicos.

Agora eu gostaria de mostrar alguns exemplos mais concretos de como a arqueologia contribui para o nosso entendimento da Bíblia. Nós conhecemos hoje a Bíblia em sua forma atual, por exemplo, a Bíblia Hebraica baseada no Texto Massorético. Mas é importante lembrar que esse texto é resultado de um longo processo de transmissão e seleção: alguns textos foram preservados, outros ficaram de fora.

E aí surge uma pergunta importante: como esse processo aconteceu? É nesse ponto que entra a arqueologia, especialmente áreas como a epigrafia, que estuda inscrições antigas. Quando novos textos são descobertos, eles nos ajudam a entender melhor como a Bíblia foi formada e transmitida ao longo do tempo.

A arqueologia nos oferece uma oportunidade extraordinária de reconstruir o contexto histórico e geopolítico do mundo bíblico. Por exemplo, podemos mencionar as Cartas de Amarna. Essas cartas são trocas de correspondência entre faraós egípcios e reis cananeus. Agora pensem comigo: quando lemos sobre o Êxodo, muitas vezes temos apenas o relato bíblico. Mas, ao conhecer esse tipo de documentação, começamos a entender melhor o cenário político da época, as entre o Faraó ou faraós ao longo de determinada época e os reis cananeus. Isso funciona como um verdadeiro “quebra-cabeça” que vai sendo completado.

Outro exemplo muito importante é o Cilindro de Ciro. Na Bíblia, no Livro de Isaías, Ciro é chamado de “ungido”, de Messias em hebraico (messias, no sentido de alguém escolhido por Deus para cumprir um propósito). O texto bíblico nos diz que Ciro libertou o povo de Israel. Mas o cilindro mostra algo ainda mais amplo, mostra que ele declara libertação de todos os povos, cada um a sua cidade.

Vemos aqui relações internacionais que nos ajudam a complementar o que já temos na Bíblia. O que a Bíblia nos diz? Que Ciro libertou o povo de Israel, o povo judeu. Mas, o cilindro de Ciro traz informações adicionais e mostra que ele fez a mesma coisa com todos os povos, não somente com o povo judeu.

Outro ponto importante: a arqueologia nos ajuda a entender os espaços mencionados na Bíblia. Por exemplo, nos evangelhos, vemos que Jesus é levado ao pretório. Mas o que era exatamente o pretório? Qual era o tamanho daquele espaço? Estudos arqueológicos, como os desenvolvidos por Shimon Gibson, ajudam a identificar possíveis locais e dimensões. Quando o texto fala de “multidão”, nós podemos imaginar milhares de pessoas. Mas, ao conhecer o espaço físico, percebemos que, talvez, essa “multidão” fosse bem menor, algumas centenas, por exemplo. Neste sentido, a multidão pode ter uma livre interpretação.

A arqueologia nos ajuda a interpretar os termos dentro do seu contexto original. Quando vemos a arqueologia, podemos entender quantas pessoas mais ou menos podia entrar aqui, se era realmente uma multidão em nossos termos ou multidão nos termos dos evangelistas.

Um exemplo fascinante é a sinagoga de Magdala. Os evangelhos afirmam que Jesus ensinava nas sinagogas, mas não descrevem como elas eram. A arqueologia, por sua vez, revela a estrutura desses espaços:

- como eram construídos
- como as pessoas se sentavam
- como funcionava o ambiente de ensino

Isso nos permite não apenas imaginar, mas visualizar o cenário dos evangelhos. Se nós não sabemos que função tinha a sinagoga e como era fisicamente a sinagoga, como podemos entender trechos ou passagens dos evangelhos que falam dos ensinamentos de Jesus na sinagoga? Para que servia a sinagoga? Como se sentavam as pessoas? Graças à arqueologia, podemos não somente imaginar, mas a arqueologia responde essas perguntas ao revelar prensas, utensílios e processos de produção. E isso aprofunda nossa compreensão teológica, porque conecta o símbolo à realidade prática.

4. O TEXTO BÍBLICO, SUA TRANSMISSÃO TEXTO E CONTEXTO

Um exemplo marcante é o achado do arqueólogo Yosef Garfinkel, que encontrou um pequeno pente com uma inscrição em língua cananeia, muito próxima do hebraico antigo. O texto gravado no objeto traz uma espécie de “maldição” contra os piolhos da cabeça e da barba, revelando uma preocupação comum e cotidiana. Esse tipo de descoberta mostra que a arqueologia não se limita a grandes monumentos ou narrativas oficiais, mas também permite acessar a vida real das pessoas, seus hábitos, preocupações e formas de expressão.

Além disso, esse achado é relevante para o estudo da origem da escrita. A inscrição no pente representa uma das primeiras evidências do uso do alfabeto cananeu, que posteriormente daria origem ao sistema fenício e influenciaria o desenvolvimento do hebraico. Assim, a arqueologia contribui diretamente para o entendimento de como a linguagem bíblica se formou e foi transmitida.

Outro ponto importante abordado é o contexto religioso do Antigo Testamento. A menção ao confronto do profeta Elias com os profetas de Baal, narrado no Primeiro Livro dos Reis, ganha nova dimensão à luz da arqueologia. A grande quantidade de estatuetas de Baal encontradas indica que esse culto era extremamente popular, o que ajuda a compreender a intensidade do conflito religioso descrito no texto bíblico. Sem esse pano de fundo, a leitura pode se tornar superficial, pois se perde a noção da força cultural dessas práticas.

A arqueologia também ilumina as tensões entre o judaísmo e as influências estrangeiras, como no caso das moedas com imagens de imperadores romanos. Embora a tradição judaica proibisse imagens, essas moedas circulavam amplamente, inclusive em contextos sensíveis como o Templo. Esse tipo de informação ajuda a compreender melhor o ambiente cultural e religioso da época, especialmente no período do Novo Testamento.

Outro exemplo significativo é a Estela de Mesa, atualmente preservada no Museu do Louvre. Essa inscrição apresenta a versão do rei moabita sobre eventos também registrados no Segundo Livro dos Reis. A comparação entre essas narrativas revela não apenas a historicidade de certos acontecimentos, mas também a existência de diferentes perspectivas sobre os mesmos fatos. Além disso, a estela mostra que a cultura moabita era bastante próxima da israelita, o que contribui para uma melhor compreensão da história de Rute, no Livro de Rute. Sua integração ao povo de Israel não representou uma ruptura cultural tão radical quanto poderia parecer, já que havia proximidade linguística e social entre os dois povos. E aqui eu chego a uma ideia central: a arqueologia funciona como uma ponte entre o texto e o contexto. Um exemplo simples está em Rute capítulo 4, quando o texto menciona a porta da cidade como lugar de julgamento. Sem contexto, isso pode passar despercebido, mas, quando a arqueologia revela estruturas com assentos onde os anciãos se reuniam, o texto ganha vida. Aquilo que antes era apenas leitura, agora se torna visual e concreto.

Por fim, a formação e transmissão dos textos bíblicos, com destaque para a relevância dos Manuscritos do Mar Morto, descobertos no século XX. Esses manuscritos revelam que, no passado, não existia uma única versão fixa dos textos bíblicos, mas sim diversas tradições textuais, com pequenas variações entre si. Esse dado é fundamental para compreender o processo de formação da Bíblia. A comparação entre esses manuscritos, a Septuaginta e o Texto Massorético permite acompanhar a evolução dos textos ao longo do tempo e entender melhor como chegaram às versões modernas.

Dessa forma, a arqueologia se mostra uma ferramenta essencial para o estudo bíblico, pois amplia a compreensão ao fornecer contexto histórico, cultural, linguístico e textual. Ela não substitui a leitura da Bíblia, mas a aprofunda, permitindo que o leitor compreenda com mais riqueza e precisão o mundo no qual esses textos foram produzidos e transmitidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o que podemos afirmar? A arqueologia bíblica: ela amplia o entendimento histórico; ilumina o contexto social e cultural; complementa a leitura do texto e aprofunda a pesquisa acadêmica. Ela não substitui a fé, ela não substitui a teologia, mas ela nos ajuda a ler a Bíblia com mais profundidade, mais consciência e mais responsabilidade. Encerro com uma

frase que resume bem essa ideia: **“O texto sem contexto pode se tornar pretexto”**. Por isso, precisamos unir texto e contexto, e a arqueologia é uma das pontes mais importantes nessa construção.

Muito obrigado.